

CARDOSO, Vicente Licínio

* intelectual; pres. ABE 1928-1929.

Vicente Licínio Cardoso nasceu no Rio de Janeiro, então capital do Império, no dia 3 de agosto de 1889, segundo filho de Licínio Atanásio Cardoso e de Maria Cristina de Oliveira Cardoso. Seu pai, engenheiro formado na Escola Militar, foi professor de matemática na mesma escola, e de mecânica racional na Escola Politécnica a partir de 1887; também formado em medicina em 1889, com tese sobre a homeopatia, notabilizou-se pela divulgação desse conhecimento no Brasil.

Em 1901 iniciou o curso secundário no Externato do então Ginásio Nacional (Colégio Pedro II), formando-se bacharel em letras em 1906. Em fevereiro de 1908 fez exame de admissão para a Escola Politécnica e formou-se engenheiro civil no fim de 1912. A opção por essa formação deveu-se à influência do pai, notório positivista que acreditava que o filho deveria ter uma sólida base matemática. Como também tinha forte inclinação pelas letras e pelas artes, dedicou-se à arquitetura como ramo profissional. De toda forma esteve exposto a forte influência do positivismo comtista, representada principalmente pela figura do pai, e desenvolveu grande admiração intelectual por filósofos como Spinoza e Pascal, que foram objeto de reflexão de seus escritos posteriores.

Começou a trabalhar como engenheiro da prefeitura do Distrito Federal em 1913, mas permaneceu no cargo apenas nove dias. Como arquiteto, manteve um escritório de projetos entre os anos de 1913 e 1921 e nesse período realizou esparsos trabalhos, entre os quais se podem citar: um hotel balneário em Ipanema (1915), um edifício para o grupo escolar de São Gonçalo (1916), um hotel balneário destinado ao Flamengo (1920), uma vila operária para 232 casas (1921), entre outros. Sua carreira de arquiteto praticamente se encerrou com o projeto para o Palácio da Justiça no Rio de Janeiro, em 1921, apresentado em concurso público. Também foi sócio de uma firma de engenharia e construção, a Mendes de Moraes & Cardoso, que realizou alguns de seus projetos.

Tendo prosseguido seus estudos na Escola Politécnica, formou-se engenheiro geógrafo em

maio de 1916. A partir de julho, exerceu as funções de prefeito no município de São Gonçalo (RJ) durante nove meses. Essa atividade, relatada pelo próprio em texto sobre educação, não foi documentada de forma satisfatória por seus biógrafos. Ainda em 1916, viajou para os Estados Unidos, como prêmio por seu desempenho na Politécnica. Lá participou, como membro da Seção de Engenharia Sanitária, do Congresso Científico Pan-Americano, realizado em Washington, e estudou a arquitetura do país. O relatório referente a essa viagem foi apresentado à Congregação da Politécnica em 1916, e posteriormente publicado no livro *Filosofia da arte* (1918). O livro continha também uma tese escrita para um concurso em 1917, de provimento da cadeira de história da arte na Escola Nacional de Belas Artes. A tese geral do livro era que a arte seria função do desenvolvimento dos organismos sociais. Assim, seria possível decifrar a expressão da evolução dos povos por intermédio do estudo estético. Já o texto sobre a arquitetura norte-americana analisava os tipos de construções daquele país a partir de sua relação com o meio social. Licínio associava os tipos arquitetônicos aos modos de organização espacial das diferentes regiões, configurando um argumento espacial de extração positivista que seria bem explorado em outros estudos posteriores

Em 1921, nova viagem, agora ao São Francisco, o marcou profundamente e propiciou material para suas reflexões como ensaísta. Em 1926 iniciou viagem pela Europa, com o propósito de conhecer a Rússia soviética, mas não completou o roteiro inicial por conta do falecimento de seu pai. Em 1927 foi aprovado em concurso para a Escola Politécnica, ocupando a cadeira de Arquitetura civil – Higiene dos edifícios – Saneamento das cidades. Finalmente, ocupou o cargo de subdiretor técnico na Diretoria de Instrução do Distrito Federal entre fevereiro e maio de 1928, a convite de Fernando de Azevedo, que realizava a reforma da instrução pública na capital da República.

Tendo sido sócio-fundador da Associação Brasileira de Educação (ABE), em 1924, permaneceu relativamente afastado até 1928, quando se tornou presidente da entidade a convite de Amoroso Costa. Durante seu mandato, a ABE realizou um inquérito sobre o ensino superior que culminaria na publicação do livro *O problema universitário brasileiro*

em 1929. Em novembro de 1928, ao ter início a Segunda Conferência Nacional de Educação, em Belo Horizonte, propôs a realização de uma grande cruzada educacional pelo país. Em dezembro do mesmo ano, um desastre de avião matou três importantes membros da ABE – Tobias Moscoso, Amoroso Costa e Ferdinando Laboriau –, fato que o marcara profundamente e o motivaria a atuar de forma mais intensa no debate público sobre o tema da educação. Em 1929 fez algumas viagens pelo país no que chamou de “*raids* educacionais”, tentando organizar um movimento nacional pela educação e buscando ampliar os quadros da ABE. Logo se convenceu da necessidade de criar um órgão de educação mais federativo, que contemplasse outras regiões e evitasse o predomínio dos líderes da capital. Esse projeto, somado à suas constantes viagens, produziu atritos com outros setores da ABE, o que o levou a colaborar na criação da Federação Nacional das Sociedades de Educação em julho de 1929. Em 1930 foi convidado para ser diretor da Escola Politécnica, mas sua morte precoce o impediu de assumir o cargo de forma efetiva. Vicente Licínio suicidou-se com um tiro no dia 10 de junho de 1931, no Hotel Paissandu. Na ocasião, mostrava-se extremamente desencantado tanto com os rumos políticos do país, quanto com a campanha pela educação.

Até então, além de *Filosofia da arte*, publicara vários livros sobre questões políticas e sociais, entre eles *Pensamentos brasileiros* (1924), *Vultos e idéias* (1924), *Figuras e conceitos* (1925) e *Afirmações e comentários* (1925). Entre as obras lançadas postumamente, encontram-se *À margem da história do Brasil* (1933), *Maracás* (1934) e *Pensamento americano* (1937).

A PREOCUPAÇÃO COM A EDUCAÇÃO

A preocupação com a educação perpassa todos os escritos de Vicente Licínio Cardoso, e pode ser considerada um dos eixos centrais de sua atuação intelectual e política. Acreditava ele que a instrução pública era a principal ferramenta capaz de produzir um corpo social verdadeiramente republicano, distante da inorganicidade que supostamente marcaria a formação social brasileira. Vê-se nessa idéia a marca de sua formação

positivista, que o fazia associar a educação a um projeto mais amplo de organização racional do Brasil moderno. Seu positivismo não se traduziu, porém, numa adesão ortodoxa ao credo comtista, constituindo-se, antes, como uma espécie de cultura intelectual que valorizava a ciência, a racionalidade e os valores da sociedade moderna.

Mirava-se no exemplo dos Estados Unidos, que reputava como uma democracia construída sobre o trabalho livre racional, elemento central para a construção de uma vida social estável e democrática. Contrapunha o republicanismo americano ao francês, caracterizando este como um ideário abstrato, desvinculado dos processos materiais da sociedade. Assim, seu entusiasmo pela educação também era indissociável de certa concepção fordista da sociedade, pois acreditava que a disseminação maciça do ensino estava relacionada à produção de indivíduos ajustados ao mundo da técnica e das máquinas modernas.

Mostrava também grande admiração pela obra educacional de argentinos e uruguaios, enfatizando o papel de liderança exercido por estadistas e escritores como Sarmiento e Rodó. Seu americanismo, portanto, não se confundia com simples admiração pelos valores liberais anglo-saxões, como ocorria com outros intelectuais brasileiros, mas se pautava pela identificação de uma qualidade continental comum. Ao contrário do “europeísmo”, cultura intelectual supostamente artificial, retórica e pouco afeita ao mundo moderno, o americanismo seria a expressão de sociedades novas, vigorosas e marcadas pela dimensão prática de seus homens. Essa visão lhe permitia admirar figuras tão díspares quanto Henry Ford e Rodó, este um esteta desconfiado da civilização material norte-americana e entusiasta da filiação latina dos povos da América do Sul.

Assim, percebe-se que a preocupação de Vicente Licínio Cardoso com a educação relacionava-se a seu próprio ideário político mais amplo. Membro do que se convencionou chamar de “geração de republicanos críticos”, partilhava com intelectuais como Oliveira Viana o desencanto com o experimento liberal de 1891. Como parte dessa geração, sustentava que a República não deveria ser simplesmente um ideal ancorado em fórmulas políticas abstratas, mas sim o resultado da construção orgânica de uma nacionalidade, por intermédio do trabalho livre e da escolarização.

Além do exemplo norte-americano, também atentava para outros países periféricos como o Brasil e a Rússia. Sustentava que essas duas sociedades partilhavam o peso da geografia, já que seriam marcadas pela “força da terra”. Essa expressão é chave em sua obra, significando tanto a difícil relação entre o homem e espaços gigantescos, quanto a dimensão original da modernidade em grandes territórios não-europeus. Assim, argumentava que a relação entre o homem e o meio era mais intensa e problemática nessas regiões, tidas como sociedades “em formação”, mas que teriam a vantagem de se posicionar de forma nova na geografia civilizatória do mundo moderno. Também identificava os Estados Unidos com esse ordenamento, utilizando o conceito de “democratização pela terra” para qualificar um processo de construção nacional marcado pela ocupação livre das fronteiras e por uma sociabilidade construída pela ação prática dos cidadãos. O peso da argumentação geográfica no ideário de Vicente Licínio Cardoso relacionava-se tanto ao positivismo – que valorizava explicações que associavam homem e meio de forma determinista – quanto às próprias circunstâncias de sua formação intelectual como engenheiro.

Sobre Vicente Licínio Cardoso, podem-se citar as seguintes obras específicas: *O super humanismo de Vicente Licínio Cardoso* (1934), de Castilhos Goycochea, *O legado de Vicente Licínio Cardoso* (1975), de Sydney M. G. dos Santos, e a tese de mestrado *Vicente Licínio Cardoso: pensamento e atuação educacional* (1975), de Marta Maria de Carvalho Tinoco. Os seguintes títulos também tratam de sua obra e de sua trajetória, embora não de forma exclusiva: *Molde nacional e fôrma cívica: higiene, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931)* (1998), de Marta Maria Chagas de Carvalho, *Matrizes da modernidade republicana – cultura política e pensamento educacional no Brasil* (2004), de Marlos Bessa Mendes da Rocha, e *A terra como invenção: o espaço no pensamento social brasileiro* (2008), de João Marcelo E. Maia.

João Marcelo Maia

FONTES: CARVALHO, M. *Molde*; GOYCOCHEA, C. *Super humanismo*;
SANTOS, S. *Legado*.